

# FANTOCHES

BASTIDORES DA POLITICA E DOS NEGOCIOS

DIRECTOR E EDITOR

ROCHA MARTINS

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Rua do Alecrim, 65 — LISBOA — Telefone 2440-C.

## A felicidade ante a mentira social

A vítima duma falsa moral — A educação das raparigas — A hipocrisia e a sociedade — A criminosa ante o seu mundo — A ansia da franquesa

O caso do triplice infanticidio, alarmando o país, veio produzir nos espiritos tão desencontradas impressões que raras são as coadunadas ao assunto no que ele tem de mais recondito: a sua maxima, pode dizer-se, a sua unica razão.

A criminosa em fóco não é, desta vez, uma mulher do povo. É a filha dum general conhecido e estimado, homem de brio militar, que teve, como de resto quasi toda a alta burguesia, um unico delicto na sua vida: deixar crescer a sua herdeira dentro dos falsos preconceitos da honra, de a espartilhar na vulgar moral da sociedade, a qual consiste em praticar tudo numa hipocrisia a que se chama boa educação, a qual se define em não temer os actos, mas só recear os resultados, a qual se congloba em todas as cousas serem legitimas desde que o mundo as desconheça. Falece na sociedade o uso da consciencia. Ela já não fala alto; sufoca-se no goso, abafa-se no prazer, cala-se no atordoamento.

As meninas duma certa camada, entregues quasi sempre a creadas boçais ou pervertidas, começam a sua existencia por não dizer às familias as suas mais banais maldadesinhas. O «*não diga ao papá;*» o «*Deus queira que a mamã não saiba*», essas frases que parecem nadinhas, são imensas. Assim como se mente ácerca de uma correria à soalheira, dum rasgão num bibe, dum brinquedo partido e se ocultam os restos duma fruta verde arrancada duma arvore, se diz ter achado o que se tirou, se aferrolha a primeira impressão da existencia, se esconde a carta de namoro, se vai, pouco a pouco, mentindo, falhando na franqueza, e caíndo, mesmo, na reserva, porque o receio dum castigo no

início dumas cousas e noutras um falso pudor leva a viver-se à mesa da familia, na sua sala, no lar mas longe dos seus corações, separada dela por abismos, fazendo tudo numa desconfiança, embreando-se mais, dia a dia, em preconceitos que lhes ensinam, desconhecida a grandiosidade da altivez.

Comerter um mau acto ou uma simples leviandade—pensam muitas das meninas da sociedade—é nada. Os outros conhecerem-no—é tudo. E à ideia de que isso possa succeder são os rostos das suas amigas, das conhecidas, das indiferentes e são seus gestos, suas palavras, seus olhares que as incomodam e não o passo ruim e não a maldade no que possa ter de repelente ou de vil. O que se deseja, o que se precisa, o que se torna indispensavel é que ninguem o saiba.

Diante dos seus calam-se por uma correntia ideia de que não se falar aos pais nas suas grandes crises é respeitá-los; diante dos extranhos temem-nos, ludibriam-nos, fingem mais e é assim que, imensas vezes, penetram em casas dignas as maiores perversas com os rostos mais inocentes. Vivem sob uma formula: «a menina de que ninguem tem nada que dizer.» Elas, ao passarem revista seus pecados, imaginam o que o mundo—o seu mundo, sobretudo porque o resto não contradiria se soubesse o que lhes vai nos espiritos.

E' o caso presente. A assassina de tres filhos nascidos a ocultas, escondidamente, estrangulados e guardados num canto que julgou para sempre livre dos olhares, como uma jazida extranha, melhor do que um tumulto, é o expoente completo, o simbolo dessa singular fórmula de pensar, dessa falsa noção de pudor e sobretudo dessa singularissima concepção de honra.

Ser honesta, ter impoluta a sua reputação—salvar a honra do seu nome, como diz essa senhora, entre lagrimas,—era para ela e continuou a ser, até à hora da grande revelação, esconder o seu crime.

Não era praticá-lo. A singularidade desta hipocrisia que começa por se vestir com magnificas *toilettes* envergando-se debaixo delas roupa suja, meias rotas, camisas remendadas, porque se não vê, porque não se sabe, é o que, consequentemente, arrasta até aos actos peores contanto que não venham à superficie. Tudo fazem pensando no que dirão os outros e cousa alguma por si proprias, mentem com a frente da verdade, vestem-se com a fachada do luxo occultando miserias, representam na sociedade exteriormente e interiormente esses productos da mais pôdre concepção do que é um dever.

A' falta de franqueza para com os pais chamam ter vergonha, e tudo vive assim, fementidamente, sem o arranco nobre de confessar, de falar alto, de dizer o que se sente.

E' a grande mentira planando alogada numa bruma côr de rosa.

O peor, porem, é que é esta a materia prima de futuros lares.

Imagina-se a inconsciencia com que procedeu esta rapariga, educada com semelhantes ideias—de resto as da maioria—servida por um temperamento amoroso, romantico, mesmo, frequentadora de animatografos no que chamam as *matinées* elegantes, leitora de todos os livros que se intitulam morais e onde passam dramas falsos como a sua educação. Entregou-se a um homem e, quando as dôres da sua alma antecederam as do seu corpo, ela não teve o desassombro de se chegar aos seus e de joelhos, de rastos, chorando lagrimas, todavia mais doces do que as que, aparentemente derrama, contar-lhes tudo; a sua paixão, a sua virgindade

perdida, o filho o mexer-se no seu ventre de solteira. Ocultou isto como outrora as nodoas do seu bibesito, os rasgões dos joelhos e a carta de namoro.

De seguida apareceu-lhe o que pomposamente se chama a deshonra: uma mulher ser mãe sem ter marido. E então, ela, entrevia as suas rivais em beleza, em trajos, em nome, as invejosas, as mesmas amigas, umas a condena-la, outras a repelirem-na, as mais intimas a lamentarem-na com perfidias nos olhos. Que fazer para que o mundo não soubesse? Aquela carne mole, estranha, saída do seu ventre, não era ainda nada na sociedade, ninguem a conhecera, e na febre do parto, na alucinação do seu momento, na ancia de esconder do mundo—sobretudo do seu mundo—essa falta, esse erro, tornejou-lhe o pescoço com uma renda, matou-o, lançou-o para o misterio desse sotão largo, recondito, onde não entrava nem o proprio sol.

Escapa dessa primeira vez, admirada ainda de não se conhecer no seu rosto o que praticara, sentindo em volta as mesmas amigas, as mesmas considerações, os mesmos galanteadores de salão, a mesma hipocrisia social ela assentou que o crime era nada e a sua divulgação tudo, e reincidiu. Que importa? Se ninguem sabia, se nunca se entraria nesse sotão e a gente da sua classe delicadamente, reverentemente, devido à posição dos seus, aos galões do pai, à resonancia do seu apelido, continuava a saudar-la e dos labios dos rapazes saíam as mesmas palavras de cortesia! Não se sabia! Não se sabia! Logo não era mau acto; não se increpavam. Não deixara de ser a Senhora Dona Fulana.

Por vezes devia estremecer ao lêr nos jornais os frequentes casos de infanticidio a que a imprensa concede duas linhas.

Quasi sempre os praticavam creadas de servir anonimas, populaceiras. Um amor do acaso, na maioria das vezes com os filhos dos patrões, engravidara-as. A creança seria um embaraço pela vida lórá, a sua grilheta. Ninguem lhe daria trabalho, com o indez ao colo, e então aparecia o recurso supremo: a morte do pequenito. Estas matam em nome da sua vida material comprometida. A outra assassinou porque a educaram em preconceitos estúpidos, que a levaram a acto egual aos das servas para salvar o que, tolamente, se chama a honra do seu nome.

Ninguem ensina a altivez, a franqueza. E' a mentira que se enovela nos espiritos, é a perfidia que se solidifica nas almas, Chamam rebelde a quem fala alto, a quem *diz tudo*, a quem não quer usar, neste meio deletério da hipocrisia, os processos de toda a gente!

Suponha-se que a criminosa de hoje usava dessa confissão franca, não receava o que se podia dizer, que aparecia com o seu filho. Primeiro começaria a amá-lo, porque são as graças, os sorrisos, as doçuras das creanças que geram essa grande ternura a qual, mesmo quem não lhes deu o ser, sente, depois, dedicar-se-lhe-ia, não teria cometido nenhum crime.

O mundo aponta-la-ia, ela sacrificaria o mundo, na sua expressão balofa e miseravel, no que tem de odioso em sua mentira. Seria melhor do que sacrificar inocentes carnes de amor em rendas e em roupas finas. Repelida pelos paes trabalharia ou antes encontraria ainda quem tivesse piedade de a vêr com a creança nos braços. Mas não. De certo os seus a castigariam de maneira mais suave. Ter-se-ia livrado deste inferno a mulher vítima do seu falso pundonor ensinado na pratica da alta burguesia.

E' que esta fílicida está metida nas peores torturas. Já passou imensas; vão succeder-se outras. Dos horrores de hontem acrescentar-se-hão os de amanhã, os de sempre.

Ninguém imaginou ainda o que seria, já não digo a quotidiana existência dessa senhora ao recordar-se dos seus delictos, se lhe dava mais importância do que a uma banalidade, mas o alarme do seu espirito, o terror das suas noites, quando viu que começavam obras no predio, que se avançava para o sotão, para o jazigo, para o lugar onde ela ocultava aquilo «que não queria conhecido do mundo». E a agitação da sua alma, a tortura do seu sofrimento, a ideia do que poderia succeder e o medo—agora, o grande medo, de penetrar nesse casarão não a fossem vêr—o receio de tocar nessas ceiras onde estavam os corpitos, a alucinação do seu acordar, após o pesadelo quando sentisse os primeiros passos da justiça!

Tudo isto que ninguém, decerto, leva em conta na punição dessa rapariga duma educação falsa, entrevê-se, palpita-se, quasi se palpa! Que horribéis noites as suas! Nem sequer teve a coragem de se recolher para sempre no sepulcro, de se matar, de se aniquilar, poupando assim «a honra do seu nome», segundo o preconceito arvorado para si em razão suprema. Seria bem melhor; teria expiado. Mas não. Fiava-se ainda, em que ninguém soubesse ter sido ela. O suicidio equivaleria a confessar. Imaginava, talvez, no fundo das suas ideias extranhas, que a justiça não chegava até à sociedade onde ela vivia. Pensou que não se atreveriam a prendê-la porque se manteria na sua allivez mentirosa de sempre e os homem curvar-se-lam. Nunca conversara com magistrados senão nas salas. De repente tudo mudou aos seus olhos, viu claramente; e o seu brado, aquele que lhe saiu espontâneo, vivo, intenso, o que a queimava e brotou de jacto da sua bôca foi esta, a eterna expressão ôca duma moral falsa:

—Foi para salvar a honra do meu nome!

E no entanto esquecia que ele pertencia a esse pai que occupava no exercito uma altissima posição, que a criara com carinhos, em afagos, oferecendo-lhe brinquedos, deixando-a—af está o seu mal que é o de quasi todos—crescer como as outras meninas, vivas sinteses dumas mentirosas palavras na crença, que é a matriz da classe dela, de não ser nada o delicto e tudo a sua revelação.

Se ela imaginasse o contrario teria contado os seus amores, falado com a grande e limpida franqueza. O pudor não tinha a importância que teve o seu crime. Mas para ela, nesse momento, elle representava tudo. Dizer a sua falta seria sair das normas. Então metou. E tudo quanto houve de grande à volta da honradez do pai ela o empanou só porque foi, a filha, não na expressão natural, mas a rapariga educada na grande miseria da sociedade. Com a mãe, então, teria tido um desabafo. Algumas lagrimas choradas a mais nessa tortura que todas as mães passam diante das amarguras dos filhos! Mas não. Concentrava-se; agarrava-se ás suas falsidades como a ídolos.

Os comentarios à volta deste triplice infanticidio variam e ninguém entreviu a historia pregressa da criminosa. Para mim ella é o simbolo da péssima moral em que só é mau aquilo que se vem a saber; é producto duma colectiva hipocrisia que já nem vai sinceramente confessar a Deus, diante dos altares, os pecados da sua alma com receio que a sociedade os conheça, é a representante duma legião que passa num ar

inocente e guiada por um instinto: o de parecer o que não é, levada numa convicção: o de ocultar o que faz.

Toda essa gente a morar numa casa de vidro seria boa só com medo das palavras de outros, das ideias de outros, dos comentários alheios.

Assim, vivendo nos seus casarões, nos seus palácios, nos seus andares nobres, como nas suas mansardas ou nas suas aguas furtadas, porque o contagio vai até muito longe, ha-de proceder mal emquanto não se criar para as pobres mulheres outra educação.

Desse êrro social nasceu o delicto da virgem, dessa falsa moral brotou o crime da mulher, desse scenario de lementidos preconceitos caudalejam agora as lagrimas que a afogam sem talvez ter comprehendido ainda todo o horror do seu acto.

O que resta desse triplice infanticidio, alem dos fetos arremessados para a *morgue*? O erro imundo que é a moral mentirosa como uma conglobação de este e de outros factos que suporejam nas conversas e não veem até ás folhas dos jornais.

E' numa casa amiga, chorando dia a dia e noite, que um general — ainda em nome dum preconceito — se sente deshonrado quando apenas seguia o trilho de quasi toda a gente na forma que creou a criminosa, adorando as estupidas convenções da vida social, que ele sustenta tambem, ao ponto de se despojar de tudo e ir para a miseria como se fosse o grande culpado. Não tem o direito de pensar assim e todavia, pensa, demite-se do exercito, oculta-se porque não sabe falar alto. Num canto, gemendo e chorando, a mãe. Essa não diz palavra. Sente, talvez, que nunca seria capaz de matar a sua filha mesmo vendo-a assim tão criminosa.

P. S. — A maior parte da imprensa trata estas cousas com tal consciencia, que um dos jornais chamava ao crime *matricidio*, embora bordasse, em volta, considerações de meia prateleira... de livraria, já se vê.

## O senhor general da Silva

Os inimigos do exercito seus chefes — Em busca duma vocação — O que é preciso para fingir que se governa — O fiscal e o moral militar — Fixa-se um destino

O novo ministro da guerra é o senhor Antonio Maria da Silva. A's suas ordens, como ás dum generalissimo, está o exercito. É um paisano, o senhor Silva. Trotzky tambem o era, mas tão bem compreendeu o seu papel que ninguem o descobre nas ruas de Moscou, senão fardado, as estrelas vermelhas nas mangas, e, em dias de parada, de kepi prussiano enterrado na cabeça. A pera caprina do bolchevista, dá-lhe um ar de militar do velho regimen. A Russia improvisou as divisões vermelhas na sombra vasta do seu chefe.

É certo que entre Bronstein, dito Trotsky, e Antonio Maria da Silva, dito o Rocamble, ha uma montanha, mas, na distancia que vai da *steppe* á Baixa, fusilam lampejos de contactos.

Trotsky, revolucionario, detestava os exercitos czaristas, sentia que os soldados boçaes esmagavam o direito, e que numa sociedade bem organizada se dispensaria a carne do canhão. Antonio Maria, horrorisava-se tanto na ideia da guarda municipal, que mandou fabricar bombas para lhe atirar; criava a Carbonaria, cujo fim era assaltar os quarteis com explosivos e concordava com a artilharia civil contra a artilharia militar.

Quando o seu patrono, Afonso Costa, afagava a ideia de fazer conjuras com sargentos, ele aplaudia-o contra os officiais e naturalmente concordou com Scevola ante a frase que lhes atirou: *cabides de fardas*, que subiu entre as girandolas do partido democratico, quando as tropas se mostravam num assomo de brio.

Já se vê que, assim como o russo da ditadura do proletariado e criador da guarda vermelha, cultivou hoje a sua espada em vez de se pegar na rabiça do arado do centeio, assim Silva, em vez de tornar a bomba seu simbolo militar, manda prender quem julga capaz de concordar com suas explosões.

Não ha como as democracias para elevar os homens. Este antigo administrador de concelho da monarquia, o que equivalia a cabo, tornado general, na republica, é um golpe de sorte e de promoção, que lembra o da fortuna napoleonica.

Quem sabe se, emfim, ao cabo de tanto saltitar, não encontrou a vocação?

Às vezes succede isso como uma prova da mão do destino a guiar os mortais.

Tendo feito o seu curso de engenharia, deu provas de detestar o seu exercicio; julgou que na politica regeneradora venceria e fugiu diante de umas eleições renhidas, metido num carro de palha; tratava-se de tentar outra carreira e, depois de muito matutar, escolheu a de revolucionario. Ia menos mal; já tinha quasi o grau de bacharel, quando foi preciso pô-lo á prova. Conhecem-se os resultados e o logar historico onde ocultou a sua pistola: um frasco de vidro, enorme, existente na farmacia Ferreira, do Chiado, e que continha basalicão. Em troca fizeram-no administrador geral dos correios e telegrafos: nunca se soube bem se tinha vocação porque quem mandava eram os outros.

Finalmente, pela sorte singular que os homens de menos envergadura tem neste país, atiraram-no para a alta politica como se lança uma péla. Comprovadamente tem demonstrado a sua inaplidão.

Evocar este periodo ministerial é relembrar uma singular época. Á volta do governo nunca houve senão pasmo. É exactamente a palavra: pasmo de o vêr aguentar-se. E sabe-se porquê tambem. Não é nada por habilidade politica de quem tantos officios tem tentado, e falhado em todas as manifestações da sua vida. A rasão é uma e poderosa: ninguém deseja ser governo. Para quê? perguntam uns e outros, até os socialistas, até eu! Governar o quê? Com quê? Para quê?

É que a funcção governamental é tão limitada que nem pode executar as leis que fabrica. Tres exemplos marcam a suprema verdade: os lucros ilicitos continuam: a moagem não foi sindicada, ninguém obedece aos pseudo dirigentes. Por consequencia, Antonio Maria é o único capaz de se sujeitar a esse papel de fingir que manda.

Á sua volta o mesmo descalabro de começo, os mesmos devoristas, a mesma gatunice, a rua dos Capelistas triunfante, os moageiros arrecadando o ouro, e emquanto ele de rabona, de côco, de boquilha, apapagaiado, continua a espetar o indicador, como se nos dêsse o pé, julgando que acompanha com gestos os seus frageis discursos.

Não é, por consequencia, para ministro a sua vocação.

Mais uma vez falhou.

Teve, porém, a sorte de poder experimentar e agora, nomeado general, chefe do exercito, vamos a vêr se fixa, de vez, a sua carreira.

Quem sabe?

Hoje, para ser general, já nem é preciso saber andar a cavalo. Basta viajar de automovel. Emquanto ás ordens, ao comando, aos planos de campanha, tambem se dispensam, visto que não ha exames para os altos postos. Saem todas em rifas. Logo, Silva, pode muito bem ocupar o cargo. Mas ha ainda um óbice.

Um general carece do fisico da sua profissão, bigode e pera, um vozeirão rijo, atitudes marciais. O senhor presidente do conselho é a negação de tudo isto. É um pitorra; em vez dos pelos belicos cresce-lhe, no queixo, uma barbicha; guincha, não atrôa. Se não se comanda dispensa-se a voz, pode contrapôr-se a esta logica, mas não é bem assim. Os soldados gostam de sentir o chefe.

Uma das grandes fascinações que o general Gomes da Costa exercia nos regimentos era produzida pela sua altura, pelo seu desempenho, pelo seu ar desafrontado, rijo, audaz. Todos sentiam a sua attitude. Até o senhor Antonio Maria, apesar de não ser militar. Esse, então, sentiu-a bem, imensamente bem. No caso presente, não é o mesmo mas o contrario; e logo não haverá dominio sobre a soldadesca. A figura apoucada, o ar acanhado, não são motivos para se acreditar que, realmente, o general Silva tenha achado o seu minuto de verdadeira vocação.

Se isto lhe escapa que escolherá para o futuro?

Queira o destino que não seja a profissão de guarda freio, de medico ou de policia, porque, com tanta falta de geito para tudo, rodobrarão os atropelamentos, as certidões de obito e a liberdade dos vigaristas.

Afirmam-me, porém, vozes unisonas, que o senhor Silva, não por seu cavalo, suas esporas, dragonas e chapéu armado, mas por um motivo unico, pode continuar a ser chefe do exercito sem fazer tolices, sem causar prejuizos. Achou, finalmente, a sua carreira. E sabem porquê?

Pela simples razão de que, em Portugal, não ha exercito.

## As férias do diabo

Uma conversa singular — O homem de lato de sêda crua — Curiosa reportagem num rapido do Estoril — Os conceitos dum jornalista ou do demonio por ele — O diabo em férias.

Foi numa tarde no rapido do Estoril sob um calor de derreter os ingleses que, como se sabe, são os homens mais frios do mundo. Não havia logar no interior das carruagens e quando me encostei na plataforma vi na minha frente, todo de branco, desde a meia fina de Escossia até ao colarinho de alvissimo *piquet* um gentleman enchapelado num Panamá autentico. Exalava um perfume fresco e forte, alguma coisa que me consolava, mais, que me refrescava como se estivesse junto duma ventoinha muito suave, a dar-me inesperados consôlos. O rosto escanhoadissimo, um monoculo sem petulancia, luvas muito finas, sapatos de plantas de «cautchouc» e todo o ar feliz de quem não súa neste tempo e todo o aspecto de quem só encontra na vida um logar talhado a proposito.

Ali, naquela plataforma, ele, ao contrario do resto dos passageiros, cansados, abalidos, encostados uns aos outros, berrando contra a vaga de calor, parecia que á sua volta só tinha uma atmosfera doce, magnifica. Nem transpirava; eu tambem não, porque vinha dele, tenho a certeza, um fresquinho admiravel, e, vendo os meus amigos sufocados, o Robles a sentar-se no degrau do «wagon», o Manuel Alvito aos haustos, uns sujeitos simpáticos com os rostos pegajosos, já a enegrecerem na colagem do fumo aos seus suados rostos, admirava-me, francamente, pasmava, de me vêr isento daquelas allicões ao lado daquele passageiro de bom sorriso que exhalava uma adoravel brisa. De quando em quando fixava-me e a proposito duma duzia de homens nús que tomavam banho em Algés, e numa desvergonha edenica, ele, sorrindo, meteu conversa.

— Não comprehendia aquele despropósito... e arregaçando o beijo para o estender, de seguida, indicativamente, era aos banhistas que se referia sem altear a voz, natural, calmo ante o meu protesto de homem pouco viajado, ao que vim a compreender da resposta.

— Declarei que não havia policia; no fim de tudo não havia nada no meu país — e puz-me ali, como bom português, a demolir a republica que não velava pela moral senão nos teatros desde que não se tratasse de revistas onde entrassem senhoras comicas das relações da autoridade;

enveredei por um caminho acido-critico, falei do nosso glorioso passado quando os homens que se banhavam usavam folha pudica e, com toda a minha erudição, cheguei até ao tempo em que nem mesmo se tomava banho.

Os passageiros bulavam, amodorravam com calor, os meus amigos tinham fulgores de tijolos em braza nas faces, deitavam as linguas de fóra para aspirarem alguma fantasiosa lufada de ar e eu, depois da pregação da moral, voltei-me para a minha ancia de beber, exigi um vendedor de capilé no comboio, increpei os nossos dirigentes e as fabricas de gelo que só trabalham para as pescarias com quem andam de monopolio. Autenticos horrores nacionais!... Não era porque me sentisse a arder — antes pelo contrario, uma viraçõesinha me bafejava — mas era por causa dos outros senhores tão suados que pareciam a desfazer-se em pomadas porque todos eles — bem se via que era gente fria — cheiravam muito bem. Pois era verdade — concatenava numa ancia de bons costumes — não se deviam consentir semelhantes exhibições como as desses marmanjos, em pelo, envergonhando as proprias ondas...

Um ventinho mais doce e perfumado passou; tive a sensação que me penetrava e o passageiro do rapido, no seu fato branco, na sua calma branca, e no seu sorriso captivante, disse-me:

— Ah! eu não dizia por isso... E, como não tenho calor algum, mal percebo por que anda tanta gente a banhar-se e a derreter-se. A sua mão fina açambarcava o rio e o comboio; ele recebia, na mesma tranquillidade, os olhares agonicos dos que se esbaforiam e continuava a afirmar: Pois é verdade, até estou precisado de um sobretudo para quando chegar ao Estoril... Vim á pressa...

Se aquela gente que se liquelazia pudesse exprimir o seu pasmo, a sua indignação, o seu protesto ter-se-hia ouvido num berro unisono mas todos arquejavam, sulocavam, sentiam passar a grande vaga. Tambem não era caso para tanto — considerava sempre recolhendo a doçura dum arsito fino que, sem duvida, vinha do desconhecido — o qual ante a minha maneira de o encarar, explicou logo:

— E' que eu sou dum país muito quente...

Falava muito bem o português, exprimia-se mesmo elegantemente, sem hesitações e sem sotaque, puramente, como o senhor Candido de Figueiredo, ou antes, corao o seu dicionario.

Eu, bafejado pela brisasinha, balbuciei:

— Muito quente! Mais quente que Portugal sob este calorifero — a que os sabios chamam onda quente — não ha nada... E eu que nunca passei do Minho, assegurei, naquela firmeza com que nós, os jornalistas, garantimos tudo:

— Nem em África... Nem no sertão...

Delicadamente, o diabo do homem, fixava-me de forma que me humilhou ao garantir-me que na selva, no fundo dos matos, havia frescuras como as de Cintra... e logo, a esmagar-me mais com o seu sorriso amavel, perguntou-me este cumulo: Conhece Cintra?

Relanceei um olhar aterrado em volta, receoso de que os meus companheiros tivessem ouvido semelhante sarcasmo, mas coitados, quasi transbordavam das roupas, escorriam, pegajavam-se; comecei a imaginar que perdiam as fisionomias, que se derretiam como blocos de manteiga. Encarei os outros, pareceram-me diferentes; imaginei-me numa vertigem, temi a apoplexia. O Robles quasi desmaiara. Ninguem ouvira a inter-

rogação extranha que não queria deixar sem resposta e então, num arranco do meu feitio, perguntei, por minha vez, nervosamente:

—E o senhor conhece o inferno?

Sem se alterar, expelindo uma baforada dulcíssima, que me penetrou, volveu, no mais cerimonioso tom, sem desfitar-me através do monoculo:

—Ora, não conheço eu outra cousa...

Era o maximo do atrevimento. Estava em frente dum disrutador emerito, vestido de sêda crua, correctissimo, um autentico janota da alta vida europeia, vindo de praias da aristocracia com aqueles trajos e suas composturas. No meu intimo lamentava a pergunta, e sobretudo, o tom em que a fizera. A delicadeza com que me respondia desarmava-me, aquela serenidade, e, sobretudo a maneira de exalar a frescura que só a mim atingia e aos outros deixava na sua torrida sensação, esbraseados, liquifeitos, faziam-me arrepende do avanço, mas o *gentleman*, o mais naturalmente do mundo, elucidava-me:

—Houve lá agora uma grande festa... Não leu nos quotidianos — ele dizia isto com preciosismo — a erupção do Etna, mais umas doutros vulcões de terceira ordem...? Não sofreu ainda o que para aí os leva a clamar contra o calor — que, eu, repito, não sinto, — não tem apreciado a seriesinha de crimes? Pois é tudo por causa da festa que lá houve... Apenas uma *soirée* de gala... Representou-se o *Inferno* de Dante, o que fez rir imenso o povo pelas suas facecias, pelas suas inexactidões... Depois houve ceia e quando se acendeu o *punch* o Etna erupuiu — acentuou o verbo passeando o monoculo pelo meu rosto pasmado de pobre homem de letras. Julgava-me alucinado, pelo calor, como os meus companheiros, mas não devia ser nada disso porque eu ouvia, esplendida e nitidamente, eu escutava o resoar delicado daquela voz elucidativa. Pois é verdade, tudo consequencias do *punch*. Depois o resto, a vaga do calor, os crimes, os prefestos das altas reportagens, são tudo graça de sua magestade...

O meu interlocutor era um doido; um desses excentricos milionarios que atravessam o mundo mistificando, espalhando a sua neurastenia em verdadeiras irreverencias para os que o acaso coloca na sua frente.

Não sei se ele reparou na minha expressão formidavelmente colérica; apenas senti um arsinho benefico, delicioso, que pareceu chegar tambem aos outros passageiros. Iamos na altura de Caxias e o *gentleman* continuou:

—E' que sua magestade infernal não vinha á terra desde a ultima parada das suas forças... Sabe, a guerra... Aquilo quando ele vai a qualquer parte diverte-se imenso... Daquela vez, talvez o meu illustre colega, não reparasse, mas chamo a sua atenção para o facto, que desejo vêr apreciado, Quero dizer, quando foi da guerra. Ele divertiu-se a pôr tudo fóra dos seus logares... Que encanto!...

—Colega?! e eu de embatucado, nem sabia já responder. Sentia-me perturbado, via-me numa aflicção ante aquele ar grave e sério com que ele falava de semelhantes cousas:

—Pois um encanto...! Onde estavam os imperadores orgulhosos pôz os fantoches novos, uns burgueses que falavam de simplicidade e os imitam na perfeição... Camaradas de blusa moram no palacio imperial de Moscou — no Kremlin — o meu presado colega conhece?... E desta vez, o demonio do homem, parecia falar mais a serio do que quando me perguntou se conhecia Cintra.

Pois é verdade, no Kremlin de blusa mas com honras cesareas! Por toda a parte tudo ás avessas. Os grandes ricos de hontem, andam ahi, por Lisboa, á porta do Montepio a vender cautelas e a segurar cavalos de bolchevistas nas entradas luxuosas dos *restaurants* de Moscou e de Petrogrado. — Principes a vender bilhetes postais ilustrados com o retrato de antigos guarda-freios tornados dictadores... Um encanto! E as aristocratas? Que belas creadinhas! Tudo ao contrario... Sua magestade muito se divertiu... Na Siberia faz calor... O czar baldeou n'um poço... Um moço de fretes é general... Isto lá no Oriente... Mas cá mais para baixo é tudo no mesmo genero... Os principes já casam com burguezitas... Os avançados já pedem ordem... Os revolucionarios, agora, são os poderosos de hontem... Onde havia exercitos formidaveis passou a vêr-se uma milicia entezada... Os positivos americanos fazem sociedades secretas... Elas começam na treva por toda a parte... Que encanto!... E tudo isto porque sua magestade se quiz divertir, veiu á terra jogar com os seus fantoches... E que me diz, o caro colega, aos crimesinhos? Hein? Esplendidos! Como nunca...! De encher o olho?

Ria, encarava-me, fixava mais o monoculo e, diante de Cae-Agua, o ventinho que rodopiou de seu movimento foi tão consolador que os passageiros semi derretidos começaram a solidificar-se, aos ais consoladores.

Mas porque me chamava aquele homem colega, que manigancia, que mistificação estava na sua mente para me dizer essas cousas terriveis, com um ar de graça, naquele comboio do Estoril sob uma ardente bafurada que parecia vinda do inferno que ele evocava?!

Não se calava; apressava, até, as frases, parecendo querer acabar antes de chegarmos á estação.

— Mas veja lá o que se passou... Os homens aprenderam, de repente, a voar como se fossem anjos... Lá em cima deve haver terror... um pávido receio duma escalada aos dominios de... Sim, o colega, percebe... E por toda a parte é o mesmo, menos para o fundo da terra onde sua magestade habita... Já viu a machina de percorrer o subsolo a grande profundidade, sem tuneis nem *rails*, como succede nas aguas, aos submarinos? Não viu nem verá... Tudo para cima, para o alto e contra o alto... Para baixo nada porque ha misterios insondaveis... Mas como vê, tenho razão... Tudo mudou... E foi lá aquela viagemzita de recreio... Agora aqui ha tambem algumas mudanças... Sim... Houve gente que eu me recordo de ter visto na 3.<sup>a</sup> classe, em 1914, quando cá passei, e agora se recosta na primeira... Tudo mudou... Foi um capricho... Moveu muitos fantoches...

E assestava o monoculo para os individuos indicados, sorria, e acrescentava:

Eu é que ando sempre cá por fóra... Não posso parar... E' das Escripturas! e logo, noutro tom: a *soirée* do outro dia deu estas cousas todas... Foi na despedida, um ligeiro *raoul* mas ainda assim retumbante.

Encarava-o pasmado. Eu sonhara sob aquela vaga cálida, ou realmente ouvira tudo aquilo? Seria uma alucinada fantasia, um começo de loucura produzida por aquela atmosfera? Mas não; se nem a sentira como os outros, devido ao contacto amavel daquele meu interlocutor que me chamava colega e decidira continuar a sua explicação.

— Ah! deixe-me vestir o sobretudo...

— O quê?!...

— E' que vai chegar o vento...

Como se elle proprio o desencadeasse aquella poeira, que caracteriza o Estoril, passou na sua rajada forte, nuvens de terra nos envolveram; os encalmados, de ha pouco, fecharam as janelas, os que iam na plataforma acordaram.

Voaram alguns chapéus e eu, na doçura daquella camaradagem, sentia apenas o mais agradável dos frescos.

A ventania irritante, nos outros dias só nos de verão, era uma aragem suave para mim e um vendaval para os outros e ao descermos o estribo entre as pragas, as fúrias, a poeirada, as coleras, elle, sempre amavel, dizia-me:

— Tudo ao contrario... Tudo debaixo para cima...

E apontava-me, sorrindo, as senhoras com as saias á cabeça. Depois, como quem explica um habito, como quem elucida ácerca de um gosto, simplesmente, naquelle final de viagem, disse:

E' que fartos de calor, lá em baixo, não podemos andar sem ventarola... É é isto... Eu trazia-a debaixo do sobretudo para quando chegasse a esta estancia onde me repouso e como venho, esbrazado, de longe, cheio de um calor—meu caro colega—peor que o da guerra, que o dos vulcões, que o de todas as fabricas do universo, ao menos quero refrescar-me bem no lugar escolhido para veranejar mas receio as constipações e defendo-me...

— Mas isto é terrivel... Que ventania... Que horror! Olha a poeirada!

Ele ouvia as exclamações que os outros soltavam e dizia-me na mesma serenidade:

— Que querem? Eu não comprehendo os seus compatriotas... Meu amigo, meu camarada. Veem da cidade mortos de calor, que eu lá não sinto, chegam ao fresco que até lhe levanta as roupas e nem agradecem... Não, lá em baixo, somos mais gratos...

Um magnifico automovel aguardava o meu desconhecido que, antes de subir, me fixou ainda e exclamou:

— Venho estudar costumes, trago uma missão delicada...

Ah! Se realmente, fôr mais agradável o mundo como está do que o antigo talvez sua magestade «volte a dar-lhe outra volta»... E' uma questão de estudo... de publicidade... vamos a vêr... Eu nunca páro...

No meio da rajada, elle aconchegando o sobretudo elegante, tornou:

— Que suavidade, que beleza, que doçura!

E eu, babado, vencido, consolado, repetia:

— Que suavidade, que beleza, que doçura!...

E então elle, estendeu-me um cartão, de bom Bristol, com a ponta dobrada cortezmente, ofereceu-se:

Para o que lhe prestar...

Uma rajada passou, um turbilhão de poeira enrolou-me, quiz lêr e o vento que elle trouxe ao Estoril arremeçou-me poeira para o rosto, fui empurrado, não vi mais o automovel que se perdeu naquelle turbilhão espesso como o carro dum deus nas nuvens do ceu e só agora, aqui em casa, de cara lavada e olhos desempoeirados consigo lêr o bilhete: Diz assim:

Ashaverus — Redactor do *Diario do Averno*...

Ashaverus! e jornalista? Porisso elle não parava nunca!

E eu, tolamente, li: redactor do *Diario do Governo*...

Só então comprehendi não só a ventania horrivel destas regiões após, as vagas caloricas e estas de seguida ás rajadas, mas tudo quanto elle — ao chamar-me colega — atirava á minha locubração.

No fundo da aventura ha só uma cousa que me espanta: é um meu camarada da imprensa saber tanto, conhecer tais cousas, falar tão bem o nosso idioma, abanar-se e gerar o vento subitamente, formular conceitos, apresentar razões como um filosofo, o que nunca ouvira a nenhum outro! E então, pensei — e devo dizer que vaidosamente, talvez mesmo por uma vaidade exacerbada—ser aquelle meu suposto colega o proprio demonio.

A essa idéa estremeço com receio do que se passará de novo na terra — na nova volta que esta levaria — nos fantoches movidos a seu talante!

A ventania era insuportavel, fechei as janelas.

Agora nuvens de mosquitos penetravam nem eu sei por onde para me chuparem o sangue e nos seus zumbidos eu sentia alguma cousa de irritante e de zombeteiro que me recorda a voz do passageiro do rapido, mas sem a sua delicadeza.

Parecem legiões de demonicos esfaimados trazidas nas rajadas, aprendendo com elas os seus zumbidos e vindo segredar apenas cousas tão terríveis que de manhã, as minhas almofadas teem dedadas vermelhas de sangue bebido, roubado e restituído por uma matança rija.

Taes calamidades só se explicam por um veraneio, nestas paragens, de sua magestade — como o redactor do *Diario do Averno* chama aquelle a quem a minha avó titulava de Satanaz.

Sim... Só se o diabo está no Estoril a gosar as suas bem ganhas férias...

Mas não. Este anda de branco e chamam-lhe porco sujo. Talvez tambem tivesse transmudado esta forma de ser, porque quem parece os porcos sujos somos nós, sob as furias das poeiras negras que o vento nos arremeça, emquanto o Outro — ou o diabo por ele — impecavelmente de alvo, sem suor e sem pó, assestando o monoculo, me chama caro colega.

Julgo que me confundiu com o Roberto... Mas não pode ser. O demonio nunca se engana. O que eu senti, no fim de tudo, foi um calor e logo uma frialdade, a perspestiva da pneumonia... Emfim... jornalista ou rei, está o diabo fóra de portas.

## Maximas fortes para juizes fracos

Para ser juiz não basta ser bacharel em direito. E' necessario dar largo tempo ao officio. O magistrado não se improvisa faz-se no contacto dos criminosos. Em Portugal os juizes, sobretudo os da investigação, nascem dos acasos da politica e para ella existem. Diante de um crime grave eles pasmam atormentados como se o praticassem.

\*

E' preciso constatar-se que, muitas vezes, o criminoso exerce mais influencia sobre o investigador do que este sobre aquelle, e de aí, senão a impunidade, ao menos as atenuantes para enormes delitos.

\*

Uma mulher nova cheia de uma legenda terrivel consegue mais com as suas lagrimas, num animo de juiz do acaso, do que a propria lei com as razões hirtas do codigo.

\*

As determinantes maximas da criminalidade portuguesa estão nas successivas faltas de castigo para os culpados.

\*

Nos gabinetes dos juizes de investigação em Portugal, ha tanta ausencia de solemnidade e de mobiliario que um reu intiligente acaba por desdenhar de quem o julga nessa atmosfera e uma das causas que mais podem fortalecer o animo dos culpados é exactamente o scenario em que os envolvem.

\*

Aconselhar aos juizes a leitura de Trade para a psicologia do criminoso e do Lombroso para as suas características é uma obra de caridade que nenhum sabe agradecer.

\*

Mais perigoso para um juiz do que um criminoso é uma criminosa quando ella tem encantos, porque a propria desgraça torna mais interessantes as mulheres.

\*

A constante mudança de magistrados de investigação conduz a jus-

tiça ao desleixo. É como se a transplantassem, por um sortilegio, da mais calma residencia para um hotel tumultuoso.

A acção da imprensa na descoberta dos crimes e, quasi sempre, mais proficua, que a da policia. Aquela actua numa ânsia de se valorisar ante os leitores, esta no habito adquirido de só vêr reus desde que os prende e de não se arrepender desde que, pelo mesmo motivo de impulso, os solta.

Ha duas cousas que se devia exigir dos juizes: a calma e o orgulho da profissão. Ha tambem, duas cousas que se lhes devia conceder: quasi um anonimato e um ordenado digno de quem não pode obter recursos com o reclamo.

Ao juiz não compete salvar o reu da publicidade desde que obtem as provas do seu delicto. O seu dever é entregá-lo ao estigma, o qual, hoje, consiste em o roubar ao misterio vulgarisando-lhe a fisionomia e as declarações.

A gloria para um magistrado está na satisfação da sua consciencia mais do que da sua vaidade, pois que a justiça deve viver sosinha e nada mais recondito do que a consciencia.

Um juiz mundano, muito visto, apontado a dedo, retratado nas gazetas, é como um idolo que, em vez de ter o seu culto velado andasse tanto à vista como um funambulo.

Um magistrado só deve amar uma mulher: a justiça. Apesar de cega é a que melhor cabe no seu coração.

